

Bolsas em alta

Histórias de ganhos e perdas na primeira pessoa



David Possidónio | Apesar da tenra idade, o estudante de Medicina revela uma longa experiência enquanto investidor nos mercados

O Negócios conversou com seis pequenos investidores sobre a sua experiência em bolsa. A maioria já está a ganhar com a subida dos últimos meses, mas continuam a revelar-se prudentes, privilegiando as lições dadas pelo sobe e desce dos mercados



- Nome: David Possidónio
- Idade: 21 anos
- Profissão: Estudante de Medicina
- Melhor negócio: Deutsche Bank
- Pior negócio: ING
- A lição: Nunca tentar contrariar o mercado

“Aposta no Deutsche Bank já rende 120%”

Estudante de Medicina, David Possidónio tem no investimento em bolsa um “viciante hobby”. Com 21 anos de idade, desde cedo acompanhou as andanças do pai no mundo das acções. “Lembro-me de estar desde os 4/5 anos na sala, sentado ao lado do meu pai, a consultar “sites”, olhar para a Bloomberg e a CNBC, vê-lo fazer chamadas para o corretor de bolsa”, recorda David. “Aos cinco anos, já sabia de bolsa e ainda não sabia ler nem escrever. Mas já sabia o que eram futuros e acções”, frisa o jovem de Lisboa. Mas o que seduz David nos mercados accionistas? “Adoro a sensação de ninguém ter o real controlo sobre a bolsa”, afirma. Apesar da já longa experiência, apenas aos 17 anos começou a investir por conta própria, em acções de um banco holandês. O sector financeiro é aquele que mais aprecia. É, aliás, na banca que estão o melhor e o pior negócio que já fez: Deutsche Bank e ING, respectivamente. “O investimento que fiz nesse banco [ING] ainda está negativo”, conta David, que realça: “odeio errar”. Pelo contrário, a aposta no Deutsche Bank em Julho deste ano rendeu-lhe “cerca de 120% do investimento”. Actualmente, o jovem investidor tem “aproveitado oportunidades no sector da banca, seguros e mineiras”. **RG**



- Nome: Paulo Vilar Gaspar
- Idade: 43 anos
- Profissão: Engenheiro electrotécnico
- Melhor negócio: BPA
- Pior negócio: Telecel
- A lição: Não ser precipitado

“Investi no BCP quando baixou aos €0,60”

O interesse de Paulo Vilar Gaspar pelos mercados accionistas nasceu há 20 anos, quando trabalhava num banco “e recebia, anualmente, bónus em forma de acções”. “Ganhei algum dinheiro e comecei a tomar o gosto pelas bolsas”, revela o engenheiro electrotécnico, que confessa ser, agora, um aficionado pelas bolsas: “Sou capaz de ligar a Bloomberg às sete da manhã para acompanhar o fecho das bolsas asiáticas.” Assume-se como um investidor de curto prazo, mas o negócio que lhe está a render mais dinheiro tem já algum tempo. “É o BCP. Investi quando baixou aos 60 cêntimos. Comprei por considerar que estavam a negociar num valor relativamente baixo. Agora já estão acima de um euro.” Mas houve outros bons negócios. “Foi há 10 anos, ainda havia o BPA. Recorri a um crédito para investir nas acções. Quando foi finalmente aprovado, as acções do BPA tinham desvalorizado 20%. Um mês depois consegui pagar o empréstimo e ainda fiquei com dinheiro para comprar um carro.” Mas nem sempre as coisas correram bem. “Investi muito dinheiro na Telecel. As acções desceram muito. Estava a perder quase um carro, mas esperei. Mantive a posição e acabei por fechá-la, mais tarde, quase sem prejuízo.” **PM**



- Nome: Paulo Oliveira
- Idade: 36 anos
- Profissão: Gerente de uma empresa do sector automóvel
- Melhor negócio: Pararede
- Pior negócio: Reditus
- A lição: Para se estar acima do mercado, tem que se estudar muito as empresas

“Estou a investir a curtíssimo prazo”

A oferta pública de venda (OPV) da EDP, em 1997, foi o acontecimento que marcou a entrada de Paulo Oliveira no campo das acções. Conhecido como Oslavo nos “blogs” de investimento (www.accoes.eu) que mantém, e onde faz análises às cotadas, tem na ex-Pararede (Glintt) o seu melhor negócio em 12 anos de investimento. A aposta, em 2004, rendeu-lhe “quase 50 mil euros numa semana”. Mas Paulo guarda más recordações de outra tecnológica nacional. Em 2000, em plena “bolha tecnológica”, comprou acções da Reditus e perdeu “cerca de 10 mil euros”. Este investidor de Braga elege a France Telecom como acção preferida. “Dá dividendos muito altos e é uma acção pouco volátil”, explica. Vendeu esta semana as últimas acções da operadora. Neste momento, a sua estratégia resume-se a “investir a curtíssimo prazo, porque as acções já subiram muito”. O movimento de recuperação deste ano já lhe garantiu um retorno “à volta de 50%”. Como acção “menos preferida” aponta o BCP, pois “está caro em termos fundamentais”. A principal lição que retira da sua experiência é que “para se estar acima do mercado, é preciso estudar muito bem as empresas e não ir atrás de factores como preços-alvo”. **RG**